

Realizou-se um estudo epidemiológico descritivo com base nos dados secundários do relatório, “Dados perfil CH Brasil 2023”, do Ministério da Saúde (2023). Foi conduzida uma revisão de literatura nas bases PubMed, SciELO e Google acadêmico, utilizando os descritores DeCS “coagulopatias hereditárias”, “hemofilia” e “epidemiologia”. Foram incluídos cinco artigos publicados nos últimos cinco anos com foco em populações brasileiras. **Discussão e conclusão:** Dados de 2023 do MS indicaram a hemofilia A como a CH mais prevalente, (35,69% dos casos). Dados da Análise Epidemiológica e Vigilância de Doenças Não transmissíveis do MS sobre mortalidade, referentes ao período de 2020 a 2024, atribuíram à hemofilia A 62% (93/150) dos óbitos por CH, reforçando sua gravidade. Entre hemofilia A, B, dvW, coagulopatias raras e outras, o Sudeste concentrou 44,67% dos casos. A faixa etária mais afetada foi de 20 a 29 anos. O Sul teve o maior consumo médio de fator VIII e o Centro-Oeste, de fator IX. A maioria estava em profilaxia secundária de longa duração. Evidenciou-se uma notável disparidade regional: embora o Nordeste represente a segunda maior população de pacientes com CH, a região ocupou apenas a quarta posição no consumo de concentrados de FVIII e FIX, sugerindo barreiras significativas no acesso ao tratamento. A alta prevalência e letalidade da hemofilia A reforçam sua gravidade clínica e a necessidade de estratégias de cuidado contínuo. A concentração de casos no Sudeste pode refletir maior capacidade de diagnóstico e notificação, enquanto a disparidade no Nordeste sugere falhas no acesso ao tratamento, mesmo com alta prevalência, indicando desigualdades regionais. A predominância das hemofilias em homens é consistente com seu padrão de herança recessiva ligada ao X. Enquanto a maior frequência de outras CH em mulheres, como a DvW, pode ser influenciada pela maior investigação diagnóstica decorrente de manifestações gineco-obstétricas (menorragia, hemorragia pós-parto). A concentração de casos em adultos jovens revela impacto na força de trabalho, reforçando a urgência de ações que promovam equidade no diagnóstico, acesso terapêutico e suporte integral. A hemofilia A é a CH mais prevalente e letal no Brasil, com maior concentração no Sudeste e disparidades no acesso ao tratamento no Nordeste. Observa-se que a maioria dos casos ocorre em homens jovens, refletindo o padrão genético da doença. Já em mulheres, há maior diagnóstico de outras CH, possivelmente relacionadas ao ciclo reprodutivo. Esses dados indicam desigualdades regionais significativas e o estudo reforça a urgência de políticas públicas para garantir diagnóstico e tratamento equitativos.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105446>

ID – 2016

PREVALÊNCIA DE FENÓTIPOS ERITROCITÁRIOS EM PACIENTES COM DOENÇA FALCIFORME TRANSFUNDIDOS NO ACRE

RCA Carvalho^a, DC Smielewski^a, YS de Sousa^a,
LA Lomonaco^a, ADM Alexandre^b,
CdB Pimentel^c, KdS Macedo^a, TCP Pinheiro^a

^a Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco,
AC, Brasil

^b Fundação Hospitalar Estadual do Acre (Fundhac),
Rio Branco, AC, Brasil

^c Centro de Hematologia e Hemoterapia do Acre
(Hemoacre), Rio Branco, AC, Brasil

Introdução: A Doença Falciforme (DF) é uma das hemoglobinopatias mais comuns no Brasil e frequentemente exige transfusões, aumentando o risco de aloimunização. A fenotipagem eritrocitária orienta a escolha de hemocomponentes compatíveis e previne reações transfusionais, mas há poucos dados regionais no Acre. **Objetivos:** Descrever a prevalência dos fenótipos eritrocitários em pacientes com DF que receberam transfusões nos hospitais do Acre. **Material e métodos:** Estudo retrospectivo com dados do Hemocentro do Acre (setembro/2017 a julho/2024). Incluídos pacientes com DF fenotipados para os sistemas ABO, Rh, Kell, Kidd, MNS e Duffy. As imunofenotipagens foram realizadas no hemocentro coordenador. A variação no total de pacientes testados para cada sistema deveu-se à implementação progressiva dos painéis no período. **Resultados:** Foram fenotipados 84 pacientes. No sistema ABO/RhD, os fenótipos mais frequentes foram: O+ (50%), A+ (25%), B+ (14%), AB+ (5%), O- (5%) e AB- (1%); não houve A- nem B-. A maioria era D+ (94%). No sistema Rh completo, destacaram-se D+C+c+E-e+ (30%), D+C+c-E-e+ (17%), D+C+c+E-e+ (17%) e D+C-c+E-e+ (14%). No sistema Kell (n=80), predominaram K-k+Kpa- Kpb+ (99%). No Kidd (n=80), os fenótipos foram Jka+Jkb+ (43%), Jka+Jkb- (36%) e Jka-Jkb+ (21%). No sistema MNS (n=64), houve maior frequência de M+N+S-s+ (30%), M+N+S+s+ (17%) e M+N-S+s+ (16%). No sistema Duffy (n=64), observaram-se Fya+Fyb- (42%), Fya+Fyb+ (30%) e Fya-Fyb+ (28%); não houve Fy(a-b-). **Discussão e Conclusão:** O perfil fenotípico encontrado apresenta implicações diretas na gestão do risco transfusional para pacientes com Doença Falciforme (DF) no Acre. A prevalência dos fenótipos dos sistemas ABO e RhD, consistente com a média nacional, favorece a logística de hemocomponentes na região. Contudo, a ausência dos fenótipos A- e B- sugere uma particularidade populacional que merece investigação futura. Um fator relevante de risco à segurança transfusional é a alta diversidade observada nos sistemas Rh e MNS. Essa variabilidade configura um cenário de potencial aloimunização por anticorpos clinicamente significativos (por exemplo, anti-E, anti-c, anti-S), capazes de provocar reações hemolíticas tardias que podem mimetizar crises vaso-oclusivas. Em contraste, a marcante homogeneidade no sistema Kell (99% K-) constitui um fator protetor, simplificando a profilaxia contra o anticorpo anti-K, de alta imunogenicidade. Um resultado de destaque foi a ausência do fenótipo Fy(a-b-). Comumente encontrado em populações com DF devido à associação evolutiva com proteção contra *Plasmodium vivax*, sua não detecção pode ser explicada por limitações estatísticas da amostra (n=64) ou por características genético-históricas específicas da população do Acre. Clinicamente, a expressão dos antígenos Fya ou Fyb mantém os pacientes sob risco de desenvolver aloanticorpos específicos. Esses resultados reforçam que a implementação de protocolos de fenotipagem eritrocitária estendida (Rh, Kell, Kidd, MNS e Duffy) é uma necessidade fundamental para garantir a

segurança e eficácia da terapia transfusional em pacientes com DF na região.

Referências:

Yazdanbakhsh K, Ware RE, Noizat-Pirenne F. Red blood cell alloimmunization in sickle cell disease: pathophysiology, risk factors, and transfusion management. *Blood*, v. 120, n. 3, p. 528–537, 19 jul. 2012.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105447>

ID – 1299

PREVALÊNCIA DE TRAÇO FALCÊMICO EM DOADORES DE SANGUE NO CENTRO DE HEMOTERAPIA DE SERGIPE EM UM PERÍODO DE 10 ANOS

JL dos Santos^a, ARS Alves^a, EVL Silva^a, WMS Freitas^a, RS Silva^a, JJS dos Reis^a, AJS DV Oliveira^a, FS Santos^a, MDS da Silva^b, MADF Porto^a

^a Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, SE, Brasil

^b Centro de Hemoterapia de Sergipe (HEMOSE), Aracaju, SE, Brasil

Introdução: O traço falciforme no Brasil é uma condição genética comum, onde estima-se que cerca de 2 milhões de brasileiros sejam portadores, caracterizado pela presença de um gene defeituoso para a hemoglobina, mas sem sintomas clínicos como a doença falciforme. O diagnóstico do traço falciforme é importante para o aconselhamento genético, permitindo que os indivíduos tomem decisões sobre a reprodução visto que pode vir a ter um filho com a doença falciforme, doença hereditária de maior prevalência no mundo e com uma clínica relevante. **Objetivos:** Identificar a prevalência de traço falcêmico no processo de triagem de doadores de sangue no período de 2015 a 2024. **Material e métodos:** Este foi um estudo de caráter analítico e descritivo, no qual foi realizada a análise quantitativa e qualitativa dos dados de 253.346 doações testadas, entre os anos de 2015 e 2024, onde foi realizado o teste para doença falciforme e análise de parâmetros como sexo, idade e raça. **Resultados:** Dentre as amostras consideradas, 6824 apresentaram traço falciforme (3,16%), sendo maior em 2017 (3,48%) e menor em 2022 (2,77%), sendo 3,01% em 2024. Das amostras positivas, 4658 (68,26%) foram de indivíduos do sexo masculino e 2166 (31,74%) do sexo feminino. Quanto a idade, 2730 (40,01%) pessoas tinham idade até 30 anos, 3568 (52,29%) tinham entre 30 e 50 anos e 526 (7,71%) entre 50 e 70 anos. Quanto à raça, os autodeclarados mestiços foram o grupo mais numeroso, com 4654 pessoas (68,20%), seguido dos doadores autodeclarados negros, com 1111 pessoas (16,28%) e caucasianos, com 646 pessoas (9,47%). As demais raças somam 6,05%. **Discussão:** Com base nos dados, nota-se que a prevalência de traço falciforme encontrada foi de 3,16%, maior que a média brasileira de 2,1%. Já em comparação a outro estado do Nordeste, o Piauí, o percentual aproxima-se mais, onde a prevalência neste estado em doadores foi de 3,9%, em um estudo feito por

Soares et al. Já em comparação com a região Centro-Oeste de Minas Gerais foi maior, pois nesta região a prevalência foi de 2,2%. Foi observada também neste estudo uma constância na positividade ao longo dos 10 anos. Em relação ao sexo do doador, foi encontrada uma maior prevalência masculina, em virtude da maior quantidade de doações nesse grupo (66,20% dos doadores), uma vez que o traço falciforme não está ligado ao sexo. Em relação à raça, os resultados acompanham os estudos de Pinto et al, em Minas Gerais, onde 69,3% dos doadores com traço falciforme se autodeclararam pardos ou negros, bem como a faixa etária majoritária do mesmo estudo, que também concordam com os nossos, foi de indivíduos com menos de 40 anos (74,9%). **Conclusão:** conclui-se que a presença de traço falciforme em Sergipe mantém-se constante ao longo de 10 anos, acompanha a tendência regional e é maior que a média nacional, demonstrando resultados semelhantes em relação à presença do traço falciforme na população quanto a distribuição por idade e raça.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105448>

ID – 86

PREVALÊNCIA DO SISTEMA DE GRUPO SANGUÍNEO DUFFY EM DOADORES DE SANGUE DO HEMOCENTRO COORDENADOR DO ACRE

RG Oliveira, RCA Carvalho, DC Smielewski, TS Moreira, BC Almeida, JA Kitano, LHL Bastos, KS Macedo, CB Pimentel, TCP Pinheiro

Universidade do Estado do Acre (Ufac), Rio Branco, AC, Brasil

Introdução: No contexto do sistema Duffy, algumas combinações de alelos podem ser consideradas raras, devido à baixa frequência desses fenótipos na população. O fenótipo FYA (-) / FYB (-) é um fenótipo raro no sistema Duffy. **Objetivos:** Descrever a prevalência dos fenótipos Duffy em doadores de sangue do Hemocentro Coordenador do Acre. **Material e métodos:** Estudo descritivo, retrospectivo, com dados dos fenótipos do Sistema de Grupo Sanguíneo Duffy dos doadores de sangue do Hemocentro Coordenador do Acre, no período de 01 de setembro de 2017 a 01 de agosto de 2024. Foi incluído também como variável o sexo, categorizado em masculino e feminino. Os dados foram coletados do sistema de informação de dados utilizado no hemocentro (HEMOVIDA). Foi feita análise descritiva, utilizando o software “Excel”. **Resultados:** No período do estudo, 1161 doadores de sangue foram fenotipados. Os achados mostraram maior prevalência do fenótipo FYA (+) / FYB (+) (34,02%), seguida de FYA (-) / FYB (+) (33,33%), FYA (+) / FYB (-) (29,11%) e, com 3,53%, o fenótipo FYA (-) / FYB (-). As prevalências destes fenótipos em indivíduos do sexo masculino foram, respectivamente: 65,57% (259/395), 67,96% (263/387), 69,53% (235/338) e 56,10% (23/41). **Discussão e conclusão:** No estado do Amazonas, estudos mostraram as mesmas prevalências dos diferentes tipos de fenótipos Duffy, corroborando o nosso estudo (FYA (+) / FYB (+) mais prevalente e FYA (-) / FYB (-) consideravelmente